

Música marginal

Percussionista brasileiro **percorre o mundo** para investigar as mais diversas formas de uso do **reco-reco** e reflete sobre os **motivos** pelos quais o instrumento é visto como de **segunda classe**

Pablo Nogueira ●

Na história da música brasileira, todo um capítulo pode ser dedicado àqueles virtuosos capazes de tirar o fôlego de uma multidão armados apenas com um instrumento nas mãos. A lista de grandes talentos incluiria Baden Powell no violão, Waldir Azevedo no cavaquinho, Altamiro Carrilho na flauta e... Carlos Stasi no reco-reco. O fato de o nome de Stasi soar menos familiar aos ouvidos não se deve a uma diferença no talento. No meio musical, o percussionista é bastante conhecido, tendo sido qualificado como “instrumentista maravilhoso” pelo compositor Gilberto Gil e chamado de “rei do reco-reco” pela sambista Beth Carvalho.

Foram suas próprias escolhas profissionais que fizeram sua carreira seguir um caminho mais afastado dos olhos

do grande público. No começo dos anos 1980, formou-se em Percussão na Unesp, câmpus de São Paulo, que tem foco na música erudita. Desde 1987, é professor no mesmo curso onde, além de também exercer atividades como pesquisador, tornou-se um prolífico compositor. Uma de suas primeiras composições, *Estudos – quatro pequenas peças*, criada em 1983, é considerada a primeira obra erudita para reco-reco composta no mundo. Hoje é reconhecido entre os autores do maior número de obras eruditas para percussão em todo o mundo, com mais de uma centena de criações.

A imensa maioria dessas obras, porém, nunca foi gravada, nem sequer executada em apresentações públicas. E, se depender de Stasi, é possível que permaneçam assim ainda por muito tempo. “Não procuro

divulgar as peças. Se alguém se mostra interessado em conhecê-las, eu mostro, mas não gosto que as pessoas interpretem minhas músicas”, diz. Algumas podem ser ouvidas em concertos do Piap, o grupo de percussão do Instituto de Artes, com o qual ele começou a colaborar na década de 1980. Mais recentemente começou a executá-las também nas apresentações do Duo Ello, que ele mantém com o também percussionista Luiz Guello.

Já a faceta de pesquisador de Stasi deve tornar-se mais conhecida no futuro próximo. Ele está escrevendo um livro onde vai apresentar parte do material coletado em uma década de pesquisas em mais de uma dúzia de países da África, Europa e das Américas. *O instrumento do diabo – música, imaginação e marginalidade*, que deve ser publicado pela Editora Unesp

Stills Guilherme Gomes

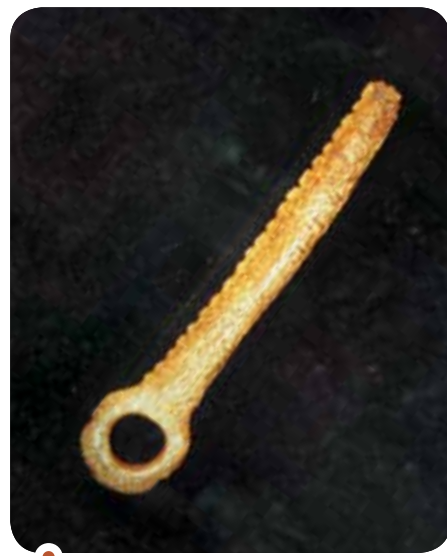


HIGH-TECH
O reco-reco que Stasi toca, fabricado de acordo com um projeto concebido por ele, permite até a exploração de harmônicos



LEMBRANÇA DO PERU

Esta curiosa estátua mostra a presença do instrumento entre os povos andinos



MÚSICA NO MUSEU

À *esq.*, a mais antiga variante do instrumento, fabricada há 18 mil anos na Europa; à *dir.*, Stasi mostra peça armazenada no México, fabricada a partir de osso de baleia



NA TERRA DOS BAMBAS

Na República Dominicana, onde o instrumento é um símbolo nacional, os músicos tocam a "guira" em pé, e demonstram grande virtuosidade



VERSÃO RELIGIOSA

Festa folclórica em Mato Grosso, onde a música se mistura à devoção

no ano que vem, tem como tema central o reco-reco – ou somente “reco”, como é apelidado pelo instrumentista.

Foi ainda nos tempos de estudante de graduação que Stasi começou a raspar baquetas sobre as superfícies de reco-recos de metal e madeira, interessado em descobrir quais sons poderiam jorrar dali. Um dos grandes incentivadores de seu talento era um tio, participativo a ponto de dedicar-se a fazer “recos” artesanalmente apenas para presentear o sobrinho. Em 1990, o tio faleceu, deixando o músico fortemente impactado. Stasi então perguntou a si mesmo qual pesquisa poderia desenvolver que, de alguma forma, pudesse ter interessado ao parente. Concluiu pela investigação dos diversos usos do instrumento pelo mundo. “Fiz uma promessa para mim mesmo de que iria dedicar a próxima década da minha vida àquela busca”, diz.

Entre o maior e o mais antigo

A promessa atuou como uma locomotiva a todo vapor, com ritmo e destino próprios. Stasi foi arrastado por ela numa jornada que cruzou uma dúzia de países em três continentes e varou não apenas o espaço, mas também o tempo. Na República Tcheca foi recebido por uma mal-humorada equipe de museólogos, descrentes do interesse do brasileiro em segurar, na

palma da mão, aquela que é considerada a mais antiga variante do instrumento, um pequeno objeto de 18 mil anos de idade.

Noutra exposição, no México, deparou-se com instrumentos feitos com ossos humanos pelos astecas, que provavelmente os utilizavam em rituais religiosos. E no mesmo país até trouxe o passado de volta à vida, quando passou horas esmiuçando todos os sons possíveis de se extrair de um grande osso dentado de baleia que é considerado o maior “reco” do mundo.

As viagens mostraram como o instrumento ainda hoje é usado nos mais diversos contextos e técnicas. No Espírito Santo viu peças adornadas com representações de rostos humanos. No interior do Brasil, conheceu pessoas sem maiores pendores musicais, mas que haviam dedicado uma

No começo da pesquisa, Stasi privilegiava a formalização do instrumento. O contato com pessoas do mundo inteiro, porém, mudou sua perspectiva. Hoje ele é capaz de viajar horas só para conversar com os músicos

vida ao instrumento como forma de honrar promessas religiosas. Em Cuba descobriu uma orquestra, a Ritmo Oriental de Cuba, liderada por um maestro tocador de reco-reco. Na República Dominicana deparou-se com virtuosos que, colocando o instrumento na vertical, criaram as técnicas de execução mais sofisticadas do mundo. Encontrou o instrumento vivo até mesmo na Europa, preservado nas mãos dos membros de grupos folclóricos que ainda resistem em pequenas cidades do interior de Portugal.

A pesquisa foi toda custeada por Stasi. Ele vendeu dois carros e reforçou o orçamento com o dinheiro que recebia das bolsas de financiamento e dos cachês das apresentações. Muitas vezes emendava as viagens feitas para estudos acadêmicos ou shows com excursões para visitar algum país vizinho, mesmo que se tratasse de um registro histórico longínquo. Foi o que o levou, por exemplo, à Namíbia, país que fez questão de conhecer depois que soube “que existiu ali uma manifestação cultural que usava o instrumento, mesmo que desaparecida há décadas”. A intensidade com que se dedicava à investigação cobrava um preço. “Em certos momentos eu perdia o senso, nem sabia em que lugar estava mais. Deixava de comer, de dormir, não sabia mais como iria embora daquele lugar”, recorda.

O esforço não foi apenas físico ou financeiro. Se mesmo no momento atual de excesso de informação nenhum livro sobre o reco-reco foi ainda publicado, é de se imaginar quão escassa era a literatura sobre o tema há duas décadas. O levantamento bibliográfico dava pequenas indicações de onde começar: às vezes uma foto antiga ou uma frase num texto sugeriam que em tal parte do mundo era possível encontrar adeptos do instrumento. Stasi percebeu que tinha de conhecer esses indivíduos, a fim de conseguir as informações que buscava.

Como contava apenas consigo mesmo para a tarefa, recorreu aos mais diversos tipos de estratégia para contactá-los. Uma única foto de um grupo folclórico, tirada por acaso por um amigo, levou-o direto

ao interior de Minas, Estado onde julgava que o “reco” fosse ignorado, e que se revelou como o maior polo nacional do instrumento. Em busca de um tocador de “guira” (o nome pelo qual o “reco” é conhecido na República Dominicana), viu-se telefonando para conhecidos de amigos de amigos. Acabou descobrindo que, por lá, o aparato é um símbolo nacional. Em Portugal chegou a abordar passantes tendo em mãos uma foto de um “reco” de décadas atrás. Recebeu de volta muitos olhares de estranhamento e respostas enviesadas. Inconformado, entrou numa barbearia. O barbeiro o encaminhou ao bombeiro, que o encaminhou a outra cidade, onde encontrou um pequeno grupo folclórico.

A dimensão desse esforço é dada pelo

próprio Stasi. Antes de iniciar sua pesquisa, ele não gostava de viajar. Não bebia álcool. Interessava-se por certas práticas de ioga que incluíam dias inteiros de silêncio absoluto. E seu envolvimento com a música levava-o a passar horas sozinho, tocando freneticamente, com pouco contato com a família. “Por conta da pesquisa, me obriguei a encarar viagens de 14 h num ônibus, a puxar conversa com pessoas, a beber... Na verdade, todo o material que coletei é resultado desse envolvimento pessoal e dessa promessa que fiz. Sem eles, não faria tudo isso”, conta.

Após uma década de viagens, ele desacelerou as atividades. “Depois de 2000, fiz até uma grande viagem, de 9 mil km, com o objetivo de, pela primeira vez, não pesquisar nada relacionado com música”, diz. “Confesso que senti falta. A partir de certo momento, a viagem ficou chata.” Mesmo assim, voltou de uma excursão ao Haiti sem trazer nenhuma peça nova.

Não que ele precise de mais. Afinal, sua coleção abriga mais de 200 instrumentos, de todos os tamanhos e formatos, estocados num quarto no segundo andar da casa onde reside, na zona leste de São Paulo (veja “estação de trabalho” da edição 8, maio). A eles somam-se pastas e pastas com fotos e filmagens das pessoas que conheceu, estantes com CDs de



HUMANIZADO
No Espírito Santo, o instrumento é adornado com uma cabeça

músicos locais que adquiriu e os muitos artigos e livros onde identificou menções ao instrumento (ainda que pequenas ou, como é frequente, incorretas). A maior parte do acervo está guardada de forma assistemática, e Stasi diz não ter interesse nem vocação para tornar-se proprietário de um museu particular. Com a confecção do livro, porém, ele aos poucos vai abrindo pastas e arquivos, em busca de elementos que ajudem a transformar sua pesquisa num texto narrativo.

Já a dimensão teórica de todas essas investigações há muito transformou o universo conceitual do pesquisador. Ele conta que nos anos 1980 enxergava o instrumento por um viés musicológico mais "ortodoxo". Seu foco estava no que os especialistas chamam de "formalização", que inclui etapas como a descoberta e a descrição dos sons característicos ou o levantamento dos diferentes tipos de toques e raspagens. Na época, ele chegou a criar um sistema de notação (isto é, um sistema de escrita que permite o registro, na partitura, dos sons a serem extraídos do instrumento e dos tempos que eles devem durar) e até um método para aprender a tocá-lo. "Isso refletia uma necessidade de ter algum controle sobre o instrumento", explica Stasi.

Esse olhar especializado de percussionista acompanhou-o nas primeiras viagens de pesquisa. Inicialmente, suas filmagens registravam apenas as mãos dos músicos. Ao ver as imagens, Alberto Ikeda, professor de etnomusicologia do IA, estimulou-o a prestar atenção também nas pessoas que seguravam as peças. Aos poucos, as conversas com o amigo e a vivência em campo levaram-no a concluir que estava fazendo "tudo errado", e a expandir seu foco.

"A coisa mais bonita foi ver, pelo mundo todo, gente que tinha essa relação de tocar o instrumento como uma maneira de expressar alguma coisa da vida", conta. Passou a se indagar sobre o que levava as pessoas a tocarem seus "recos", e o elemento musicológico foi cedendo espaço para as dimensões culturais e sociais do uso do instrumento. Aos poucos parou até de filmar e fotografar. Chegava a viajar 15 horas só para bater papo com os músicos,

alguns dos quais se tornaram seus amigos. A busca de "controle" ficou para trás.

Percussão marginal

As ideias foram amadurecendo ao longo da década de pesquisa de campo. Em 1999, já perto do fim do período mais intenso de viagens, chegou à África do Sul para cursar doutorado. Escolheu como tema, obviamente, o reco-reco. Mas em vez de compilar uma enciclopédia sobre o instrumento, optou por usá-lo como ponto de partida para uma reflexão sobre os instrumentos "marginalizados", e sobre o espaço dos próprios percussionistas em geral.

Quem vive fora do universo da música profissional e acadêmica pode até estranhar que se fale em marginalização entre instrumentos. E, mais ainda, entre instrumentistas. Porém, Stasi alerta que o percussionista é, muitas vezes, tratado como um músico de segunda classe, ganhando menos que seus colegas.

Para ele, essa distinção, de alguma forma, ecoa num imaginário social mais amplo. Afinal, há até quem se espante com a ideia de que seja realmente necessário estudar para tocar percussão. Enquanto instrumentos como piano ou violino são reconhecidos como verdadeiramente "complexos", que requerem "esforço" para serem dominados, a perícia na percussão é encarada muitas vezes como mera extensão de uma aptidão "natural" para o ritmo. É a tradicional oposição natureza *versus* cultura, transplantada para o universo da música. E, mais uma vez, aqueles classificados no polo da natureza são desvalorizados.


O preconceito contra a percussão faz com que, muitas vezes, os músicos que tocam estes instrumentos recebam uma remuneração inferior à de seus colegas de banda. Há quem se surpreenda que o reco-reco seja estudado na academia

E mesmo no universo da percussão existe hierarquia. A caixa, por exemplo, é valorizada pelos princípios de sonoridade que regem a maior parte da música erudita contemporânea, enquanto centenas de instrumentos ficaram relegados ao quase esquecimento, classificados sob nomes genéricos, como "étnicos", "pequenos" e, até, como "outros". É nessas categorias que o reco-reco costuma ser encaixado.

"Pouca gente tem interesse em aprender a tocá-lo, porque sabe que não vai precisar disso para ser admitida numa universidade ou numa orquestra, nem vai ganhar a vida com ele", conta Stasi. "O instrumento é tratado com desdém, principalmente na academia. Há quem ria quando sabe que existe algum instrumentista que se dedica ao reco", diz. Assim como esse instrumento, lembra o percussionista, muitos outros nunca passaram pelo processo de formalização porque são considerados "fáceis" de tocar e têm pouco aproveitamento na maior parte da música erudita composta hoje.

Suas reflexões – que aparecerão, de forma detalhada e ampliada, no livro que lançará ano que vem – deixam claro que o lugar periférico reservado a tais instrumentos, e à percussão de forma mais ampla, não se deve a quaisquer características intrínsecas. Suas aulas e apresentações sugerem que as verdadeiras limitações podem estar no desconhecimento de suas potencialidades por parte daqueles que escrevem o repertório musical contemporâneo.

Stasi, no entanto, diz não querer fazer nenhum tipo de denúncia, ou liderar qualquer tipo de "cruzada" pelo "reco" ou pela percussão. Limita-se a apresentar um cenário. Ainda assim, suas ponderações encontram uma expressão bem concreta cada vez que Stasi apresenta, com virtuosismo, o repertório de técnicas que desenvolveu em quase três décadas de convívio com o instrumento.

Ele mesmo, no entanto, diz que não sabe tocar o instrumento. "Isso surpreende a academia. Como é que aquele que é tido como especialista diz que não sabe tocar o instrumento? E eu digo que não sei tocar, mas porque sei a proporção em que ele pode ser tocado." 



EM CUBA, PRESTÍGIO

Na terra de Fidel Castro, Stasi conheceu a orquestra Ritmo Oriental, cujo líder é um maestro especialista em tocar o "guiro", uma espécie de reco-reco cubano



ARTESANAL

Processo de fabricação de um "reco" na República Dominicana. As rugosidades na superfície são feitas uma por uma, num processo que leva dias